**A RUA É PARA CELEBRAÇÃO[[1]](#footnote-1)**

*É importante compreender que a cosmização dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração: organizando um espaço, reitera-se a obra exemplar dos deuses.* (Mircea Eliade)

Thomas Merton, no quinto capítulo do seu livro Amor e vida, brinda-nos com um ensaio literário sobre o espaço em que vivemos. No contexto da vida amorosa, das relações estabelecidas com o outro, das celebrações cotidianas que realizamos em nossa vida, o autor desenvolve uma sequência de reflexões que se sustentam no questionamento que permeia o texto do início ao fim: “*Uma rua pode ser um espaço habitado?*” Mas o que Merton estaria apontando como habitar uma rua, um espaço, e que espaço seria esse chamado *rua*, tanto do ponto de vista subjetivo pessoal, como coletivo?

Acompanhemos, então, suas reflexões e busquemos a essência de suas palavras, bebendo dessa rica fonte de conhecimento e espiritualidade.

Para Mircea Eliade[[2]](#footnote-2), “*o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história*”, ou seja, o sagrado e o profano não são estabelecidos aprioristicamente, mas sim, pela concepção do homem e pelo seu assumir o “mundo”, um espaço definido, um objeto, etc.

Ainda segundo o mesmo autor, pode-se medir a distância entre as experiências do sagrado e do profano observando as descrições referentes à construção ritual da morada humana, ou suas diversas experiências religiosas, ou ainda às relações do homem com a Natureza e o mundo dos utensílios.

Entretanto, Merton não nos apresenta em seu ensaio espaços específicos estabelecidos como sagrados, seguindo o pensamento de Eliade que apresentou sua concepção não homogênea do espaço sagrado, uma porção de espaço qualitativamente diferente das demais, com forte e especial significado, dando como exemplo os templos. Merton aborda um espaço coletivo, experienciado por todos – a *rua* –, levantando a questão de como ela é visualizada, como que nela as pessoas se comportam, como que ela é reconhecida na vida cotidiana das pessoas. Seria a *rua* um mero espaço de interligação entre os locais onde verdadeiramente as pessoas vivem, habitam, ou ela poderia ser um espaço considerado como habitado?

Inicia apontando a construção de uma cidade como decorrência do que se faz com um espaço específico, igualmente a uma rua, a um prédio, a um cômodo. Apresenta-nos a questão inicial: tais espaços transformados, por apresentarem significados específicos, estariam sendo simplesmente ocupados ou, de fato, habitados?

Merton ao dizer que “*a qualidade de uma cidade depende de serem esses espaços (cômodos, prédios, ruas) habitados ou ocupados*” lembra-nos a fala de Nelson Goodman[[3]](#footnote-3) ao afirmar que só encontramos no mundo aquilo que lá tivermos posto, concluindo que não apenas o movimento mas também a identidade são construções e não dados.

Então, salta-nos a pergunta de Merton: “*Uma rua pode ser um espaço habitado?*”

Para responder a essa questão, Merton discorre sobre as relações existentes ao nos posicionarmos, vivermos, nos diversos espaços existentes, seja a rua, nosso local de morada, a cidade.

Para o autor, a rua pode ser um espaço habitado ou de despejo, isto é, apenas uma passagem entre diferentes lugares e, dessa forma, quem lá vive assim está por ter sido despejada, tendo uma presença temporária, quase ausente, deslocando-se nela. Normalmente, sua morada está em “*pequenos espaços fechados*” (apartamentos), cuja presença é frequentemente lembrada pela sociedade que não é importante, tampouco desejada. É como se estivesse, como diz Merton, despejada dentro de uma “caixa” com um endereço específico, dando para uma rua em condições de completa alienação. Assim, a rua passa a ser da cidade, numa lógica impessoal, não de alguém.

Como poderia, dessa forma, alguém gostar de “ficar” na rua? Como este espaço poderia, assim, ser prazeroso e proporcionar felicidade àqueles que nela se encontram? Poderiam as pessoas, mesmo sentadas diante dela, ou para elas olhando pela janela, sentirem-se inteiras e plenas com toda sua identidade? Aparece, então, mais uma vez, a pergunta: “*Uma rua pode ser um espaço habitado?*”

Em tais condições, começa-se a perceber que para a rua ser um espaço habitado, fazem-se necessárias mudanças, não mudanças físicas, espaciais, ou geográficas, mas sim como que as pessoas devem nelas se colocar. Segundo Merton, as que estão provisoriamente nas ruas devem se tornar realmente presentes, ou seja, serem como elas são de verdade, serem reconhecidas como pessoas, com sua subjetividade. Mas, para tanto, devem se conhecerem como pessoas, umas as outras. Em suma, ao invés das pessoas submeterem-se à rua, elas devem mudá-la, ou melhor, mudarem a forma de ser umas com as outras, reconhecendo a individualidade de cada uma, decidirem assumir o seu viver, isto é, acreditarem nas possibilidades ao invés das determinações. Não mais se submeterem, mas partindo para a criação. Como nos diz Merton: “*Viver é criar nosso próprio mundo como um cenário de felicidade pessoal*”.

Ocorre que, segundo Merton, se poderia, para tal feito, partir para o “*quebrar tudo*”, rompendo com o *status quo* existente, explicitando a não aceitação de se viver como não-pessoa, negando ser uma máquina passiva e submissa. Porém, essa abordagem, apesar de expor sua insatisfação, sua indignação, pouco traria de verdadeira mudança ao espaço vivido, inclusive à rua que, sendo marcada pela violência reacional, cada vez mais se caracterizaria como terra de ninguém, “*como campo de batalha*”.

A essa altura, no auge da dúvida e da inquietação sobre como se pode habitar a rua, se é que é possível, Merton nos apresenta a ideia de que “*a cidade é algo que se faz com o espaço*”, ou seja, ele nos lembra de que as cidades foram construídas pelas pessoas como lugar de celebração, não para conflitos ou para serem dedicadas a reis ou quaisquer outras autoridades. Elas foram idealizadas e construídas para a “*ampla expansão da celebração, da alegria, do culto, do jogo, do louvor!*”.

Com esse intuito, as pessoas construíram as cidades para si mesmas, reconhecendo o outro como “*o companheiro criador da celebração comum*”, dando vida, assim, a esse espaço. As ruas, com isso, não eram espaços de ligação de outros lugares, mas sim, espaços onde as pessoas juntas cantavas, convergindo-se para a vida comum, dando identidade para a cidade.

Ao destacar tais aspectos, ficou claro que a resposta à pergunta base do texto: “*Uma rua pode ser um espaço habitado?*” é positiva, desde que ela possa ser transformada em um lugar de “*celebração comunitária*”. Merton lembra-nos, porém, que, mesmo em precários espaços de moradia, poderemos começar o processo de mudança, transformando a rua e a cidade, por intermédio de celebrações coletivas, a qual, longe de ser algo barulhento, muito menos individual, é “*uma identidade comum, de uma consciência comum*”.

Creio que pode nos ajudar à compreensão do texto de Merton, a observação de Lima de Freitas[[4]](#footnote-4):

O crescimento do lugar (orientação no espaço) e o conhecimento do momento (orientação no tempo) resultam de um único processo complexo de relacionamento, simultaneamente celeste, terrestre e cíclico (…) o lugar onde se está e o momento em que se está são aspectos da mesma realidade e cada lugar como cada momento são, não apenas um todo, mas um todo único, que procedem de um olhar único.

É o desejo estar junto, de dançar junto, de fazer coisas bonitas e divertidas em conjunto. Como destaca Merton: “*A celebração é o começo da confiança*”, sendo possível, usando a imagem do autor, ser construída uma fogueira de felicidade, dando àqueles nela envolvidos um infinito valor de identidade humana, alimentando um coração pleno de amor.

Que a definição de rua como espaço público para uso comum, possa dar embasamento, não a uma concepção teórica ou formal, tampouco à imaginária posse coletiva, cujo pertencimento seria de uma poder público, mas sim, a um espaço de celebração coletiva, respeitando as subjetividades e valorizando o poder fraterno coletivo, cuja liga entre os seres seja o verdadeiro amor.

Finaliza Merton com a tão esperada resposta a sua pergunta que perpassa por todo o texto: A rua pode tornar-se um espaço habitado, sim, “*quando se tornar um espaço para celebração*”.

Rev. Frei João Milton, FMIC

1. Capítulo do livro ***Amor e Vida*** de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)
2. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [↑](#footnote-ref-2)
3. GOODMAN, Nelson. Modos de Fazer mundos. Lisboa: Asa, 1995. [↑](#footnote-ref-3)
4. FREITAS, Lima de, CENTENO, Yvette K. A simbólica do espaço. Lisboa: Editorial Estampa, 1991. [↑](#footnote-ref-4)